



MAPA DA **Literatura**
Negro-Brasileira
PARA **Infâncias**

Mapa da Literatura Negro-brasileira para Infâncias 2022
Antologia Ilustrada



Ação literária e artística que contribui para o mapeamento de escritoras/escritores negras/negros, residentes no Estado da Bahia com produções ligadas ao tema: Literatura Infanto-Juvenil Negro-Brasileira.

Mapa da Literatura Negro-brasileira para Infâncias 2022 Antologia Ilustrada

P. 7 Prólogo: As dores, cores e sabores de ser uma criança preta.
Helena Nascimento

ESCRITORES / ILUSTRADORES:

P. 17 Fabíola Cunha Santana de Moraes / *Coração balão*

P. 25 Ivanildes Moura dos Santos / *A história de Nane*

P. 33 Jamille Carvalho dos Santos / *Aniversário*

P. 37 Janete Ferreira dos Santos Marques / *Tia Lurdes*

P. 45 Júlio (Julius) César Fias Conceição / *Biscoito, todinho e pipoca*

P. 52 Ladjane Alves Sousa / *Maria e a concha do mar*

P. 61 Laura Catarina Pereira dos Santos / *O quintal de vó Maria*

P. 71 Lívia Passos Nascimento Cavalcante / *Procura-se uma fada madrinha*

P. 79 Paula Amália Anias Rodrigues / *Brincar de ser artista*

P. 85 Rogério Santos Souza / *O menino feito de palavras*

P. 95 Winnie Lorena Braga Carvalho / *A revolução começa na infância*

P. 101 Biografias dos escritores / ilustradores

P. 125 Responsável: Helena Nascimento

P. 128 Equipe (Responsável/ Curadoria / Gestão e Coordenação / Identidade Visual e Diagramação)

P. 129 Referências Bibliográficas

P. 130 Apoio Financeiro: O projeto conta com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura (Prêmio Cultura na Palma da Mão/PABB) via Lei Aldir Blanc, redirecionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

P. 132 Formato: Livro Digital/ Veiculação Digital / ISBN: 978.65-0039992-9.

As dores, cores e sabores de
ser uma criança preta

Helena Nascimento

Durante toda a Idade Média, as crianças foram compreendidas como a versão miniatura do adulto, participando, inclusive, de toda a organização e contrato social entre homens e mulheres. O lugar da infância muito recentemente apreendido, é uma revolução para garantir uma meninice feliz e saudável, algo que historicamente foi negado às crianças negras.

Mesmo após o fim da Idade Média, no século XV, a infância de crianças negras foi devastada pelo processo de colonização que colocou ao redor de seus corpos infantis o marcador adultocêntrico em meninos e meninas aterrorizados pelos sequestros e violências sofridos na escravização africana. Foram estas as crianças entendidas como as que não deveriam ser protegidas, amadas e respeitadas; as que foram

apartadas de seus familiares e comercializadas como se suas existências nenhum valor tivesse. Foram tais crianças que tiveram seus corpos violentados, silenciados e sua educação cerceada.

Este penoso relato é um quadro a ser combatido na realidade do Brasil e é a presente Antologia Ilustrada emergente no cenário literário baiano como uma perspectiva identitária de exaltação de infâncias pretas, a partir da literatura negro-brasileira.

A Antologia Ilustrada fruto do projeto Mapa da Literatura Negro-brasileira para infâncias 2022 com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretária de Cultura (Prêmio Cultura na Palma da Mão/PABB) via Lei Aldir Blanc, redirecio-

nada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal é sobretudo existências e identidades.

Nesta coletânea de textos ilustrados são tecidas em grossas e coloridas linhas de doçura, afagos, choros, sorrisos e memórias, uma colcha de retalhos-palavras sobre infâncias empunhadas por crianças pretas que outrora nossos/as autores/as um dia foram. Com o tema: Memórias das Infâncias, a Antologia traz narrativas e ilustrações inspiradas em histórias de vida, de escritores/as negros/as de todo o estado baiano, em prosa, graça e poesia.

Por meio de textos e desenhos somos convidados a passear pelo glacê de bolos de aniversário ansiosa-

mente desejados, pelo suor transbordante na dança da quadrilha junina, pelo anúncio de doação de amores e afetos, pelas raízes da bananeira que nunca mente e pelo sabor dos pães regados a café com leite e denço.

Esta coletânea fala sobre múltiplas infâncias, no sentido plural, pois são diversas e coloridas e, exatamente por isso, aventuramo-nos no azul-esverdeado do mar a colher conchas de mamãe Janaína, escutamos as histórias-terrosas da jaqueira dos nossos avôs e exaltamos o negro da majestosa e crespa carapinha que cresce para o alto, em um orí enfeitado por grandes laços amarelos.

Nesta sinestesia de sensações-versos as palavras são fios condutores nem sempre doces, como o biscoito

com achocolatado, nem sempre belos, como a vista do manguezal, pois nem só das reminiscências de afetividade são feitas as infâncias de crianças pretas. Mas também, de dororidade (PIE DADE, 2017), pois a sociedade brasileira é nutrida pela mais ardilosa semente: o racismo estrutural e estruturante que irriga as mentes de adultos que cortam da vida de crianças o gosto por encantar-se, gostar-se, sorrir.

Nas páginas e ilustrações de cada narrativa, somos colocados em roda e na gira. Girando e saudando as histórias caladas e/ou esquecidas no baú das lembranças e pedimos bênção aos mais velhos, as “voinhas”, aos encantados e a ancestralidade maior que nos guia, para que possamos seguir adiante.

Este baobá de recordações, trama os segredos ao pé do ouvido, aquilomba e nina crianças pretas que jamais se viram, porém se reconhecem na avó analfabeta que conta histórias ou no denço ensinado por ela, no pai que abre o portão e deixa adentrar os vizinhos para bater os parabéns ou no carro elétrico dos Ibejis ao entoar suas cantigas populares.

É sobre conto e canto, é xodó de mainha, de painho, de tia e vó. É sobre pés descalços e muitos irmãos, é sobre ser uma criança negra feliz apesar das agruras do mundo e nunca, nunquinha mesmo, deixar a infância desaparecer, para que finalmente a história da criança negra floresça.

Escritores / Ilustradores

Fabíola Cunha Santana de Moraes

Ivanildes Moura dos Santos

Jamille Carvalho dos Santos

Janete Ferreira dos Santos Marques

Júlio (Julius) César Fias Conceição

Ladjane Alves Sousa

Laura Catarina Pereira dos Santos

Lívia Passos Nascimento Cavalcante

Paula Amália Anias Rodrigues

Rogério Santos Souza

Winnie Lorena Braga Carvalho

Coração balão

Fabíola Cunha Santana de Moraes



Três anos dançando quadrilha juntos. Nosso passo era o acerto da dança. A notícia de que esse ano não seríamos um par estourou no coração feito traque. Fiquei de calundú. Nem a ida ao centro para comprar o tecido do vestido me deixou animada. Nem as mãos cheias de fogos comprados pelo meu avô desfez minha boca de muxoxo.

Eu não ia dançar com ele o nosso São João. A diretora disse isso sem imaginar os estragos em mim. Os sobrinhos dela iam chegar de viagem e queriam participar da quadrilha. Sem ensaios e cansaços, precisavam dos melhores para conduzi-los. Ele ficaria com a sobrinha e eu com o sobrinho.

Não era justo mesmo, foi um mês inteirinho de ensaio depois da aula, bolha nos pés de tanto repetir a coreografia e compartilhando a merenda pra ter sustança. Minha mãe fazia bolinhos de chuva e a dele, pão. O suco de carambola era dividido e também as conversas, risos, brincadeiras e o amor pelo São João.

Meu vestido era caprichado. A costureira tirava minhas medidas com cuidado e eu sempre sentia cócegas. Cresci muito de um ano pra outro, ela observou. Depois era cortar, alinhavar, alfinetar, botar a máquina pra trabalhar. Ela seguia o desenho do vestido que todas da quadrilha recebiam. Sua criatividade fazia do meu o mais bonito, com tantos babados, rendas, sianinhas, rechilieu.

No dia da festa, eu tinha um dia de beleza. Parecendo uma noiva. Sentava na cadeira da cabeleireira que lavava, hidratava, secava e fazia uma imensa trança. Depois cortava minhas unhas e passava um esmalte clarinho. Tudo isso pra ele entrar na festa com o braço entrelaçado numa menina que nem sabia dançar, dura feito pau de sebo, só queria mesmo tirar fotos.

Quando a diretora anunciou os novos pares, corri pra casa de Aninha. Nós duas fizemos a simpatia da bananeira ano passado. A bananeira nunca mentia. Todo mundo bebendo licor, assando milho e a gente lá no quintal do seu Raimundo. Peguei a faca novinha da minha mãe e cravei na bananeira. De manhãzinha, passamos por debaixo da cerca

farpada e voltamos ao bananal pra saber a inicial do rapaz que seria meu par na vida inteira. Não tive coragem de olhar, Aninha viu e confirmou que era a letra A. Meu peito abriu em um sorriso.

Estava confusa, se era ele meu par, por que essa separação?

Quem fez a revelação foi Aninha. Ela mentiu pra eu não me aborrecer. Na verdade, a letra revelada foi um F. A bananeira nunca mente.

A história de Nane

Ivanildes Moura dos Santos



Nane, uma menina pretinha, seis anos e cabelos crespos. Sua mãe penteava-os e enfeitava-os com um laço gigantesco. Gostava de ouvir histórias do seu pai. Sua mãe não contava histórias, mas sabia fazer vestidos bonitos. Nane queria ir para a escola!

Na escola, a professora colocava todos os alunos para estudar o ABC. Ah! Tinha uma história, “O barquinho amarelo”. Era a história de um menino que fazia um barquinho de papel, colocava-o numa poça d’água e o barquinho corria o mundo... Bem, certo dia, Nane foi para a aula toda empolgada para ouvir essa historinha. Só que antes de chegar à escola, parou para catar pedrinhas para um jogo que chamava Liso. De tanto mexer na terra, Nane

acabou sujando as unhas. Isso foi terrível! Não adiantou esconder as mãos, pois a professora acabou vendo e ela recebeu uma bronca muito feia. Encheu os olhos de lágrimas, medo e vergonha. Todos riam dela. O pior é que a professora era muito rígida, não perdoava nada, pegou a tesoura e cortou as unhas de Nane. A professora estava tão zangada que não observou que as unhas de Nane estavam, san-gran-do! A professora cortou até não ter mais unha para cortar.

Os olhinhos da pequena Nane agora só tinham dor. Não aquela dor que a gente grita forte, era aquela dor que a gente grita por dentro, que parece que não vai sarar. Nane voltou para casa com a cabeça

toda confusa. Será que eu tive culpa? Será que vou tomar umas palmadas de minha mãe?

O medo foi crescendo e, novamente, tentou esconder suas mãos, agora de sua mãe. Não adiantou muito. Sua mãe pegou suas mãozinhas e olhou. A dor da mãe foi maior ao vê-la assim, não houve bronca, só abraço, em seguida perguntou:

- O que aconteceu com suas unhas?

Em meio ao soluço, respondeu:

- A professora cortou, "tava suja".

A mãe de Nane não disse nada.

Pegou um remédio, era o Merthiolate, que ardia muito e tinha a cor vermelha. Em seguida, colocou nos dedos de Nane e assoprou para amenizar o ardor. Em seguida, caminhou até a escola. Nane ficou apreensiva. Será que vou ficar de castigo? Esperou algumas horas até sua mãe voltar. Ela voltou, mas continuava triste.

No outro dia, Nane voltou para a escola, ainda encantada pela escola. A professora pegou suas mãos, viu toda manchada de Merthiolate, não disse uma só palavra. Será que minha mãe brigou com a professora? Pensava Nane. Nesse dia, depois da aula, Nane voltou para casa toda feliz, não pelo olhar de arrependimento da professora, mas pelo olhar materno da sua mãe, aquele

olhar que a encheu de esperança e confiança para voltar à escola.

Aquele olhar de mãe sabe?



Aniversário

Jamille Carvalho dos Santos



Era meu aniversário, mas não teria festa.
Fui para escola, assistir minhas aulas.
E quando cheguei em casa, notei o bolo.

Minha mãe falou:

- Vamos bater parabéns!

Sai correndo,
chamei meus amigos que brincavam na rua.
Batemos parabéns, comemos bolo.
Foi uma festa sem programação e rápida,
mas muito divertida.

Tia Lourdes

Janete Ferreira dos Santos Marques



Hoje não tem aula. A mãe acabou de receber a mensagem e já ligou pra tia Lourdes. Eba! Vou passar o dia todo com a tia. Tia Lourdes é tia emprestada, não é irmã da minha mãe: é amiga. Como a mamãe fala mesmo? Sim! Tia Lourdes é rede de apoio: gente que se ama e se ajuda. A mãe diz que tia é mulher que levanta outras mulheres. Outro dia escutei a tia Lourdes falar que o mundo não é fácil pra gente e que a gente precisa se apoiar.

Às vezes imagino a tia Lourdes como minha avó. Só vejo vovó nas férias. Ela mora longe, tão longe que precisa de ônibus e avião pra chegar lá. Sabe? Tia Lourdes conta histórias que não

moram nos livros, igual a vovó. Mas a vó tem mais cabelos brancos. Às vezes parece que a tia Lourdes tem a minha idade. A gente brinca juntas, se diverte de montão, canta e quando a gente dança ela não pula tão alto quanto eu. Mas ela também fica brava e nem as minhas lágrimas, que mamãe chama de drama, amolecem aquele coração. Tia Lourdes fala que chorar faz bem para os olhos.

Na casa de tia Lourdes tem cachorro chamado Pingo e tem gato com nome de Neno e eles nem brigam. Quer dizer, não brigam entre eles, mas comigo as coisas são bem diferentes. Quando chego, vou direto para o colo da tia, para o Pingo não me levar com ele. Neno e eu somos rivais. Ele disputa a tia Lourdes comigo, só fico perto da tia depois que ele vai passear.

Tia Lourdes fala que é mulher negra. Eu me vejo nela. Vejo a cor da minha pele, vejo meu cabelo crespo quando fica cacheado ou descacheado. A tia faz penteados lindos nele. Mãe explicou que a gente cresce com vários pedacinhos de quem a gente ama. Que bom! Ah! Tia Lourdes é uma lindeza! Amo os vestidos que ela usa, sempre cheios de cor. Amo o jeito dela abraçar de corpo inteiro, tudo nela faz carinho: a voz, a beleza, as histórias, o cheirinho de alfazema e o pão.

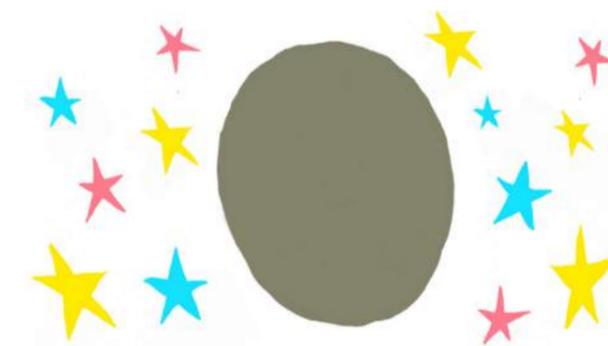
Quase esqueço de falar do pão. Tia Lourdes faz o melhor pão do mundo. O pão mais gostoso que já comi na minha vida. A mãe fala que exagero, que nunca viajei o mundo comendo pão e vivi pouquinho para ter tanta certeza. Tia Lourdes fez pão e comi bem

devagarinho molhando no café com leite. O dia logo se foi e mamãe chegou com um abraço de saudade. Dei tchau à tia Lourdes e mãe me fez agradecer por tudo. Teve cheirinho na testa e um “até logo”. Nem deu tempo para o abraço, pois o Neno chegou depressa.



Biscoito, todinho e pipoca

Julius César Fias Conceição



Os dias correram feito menino travesso atrás do doce prometido pelo pai. Então chegou o grande dia: Quatro de maio! Eu? Eu estava feliz como em um outro dia qualquer, mas aquele quatro de maio me marcou, foi o dia que ficou pra história, até na TV passou. Num instante daquela tarde começou a gritaria, a menina Luciana gritou lá do início da rua:

- Biscoito, todinho e pipoca, hoje é dia dele, cadê o ovo e a farinha?

Foi uma Meleira pra todo lado e eu corri pro banho.

- Aquela murrinha de ovo ficou forte no meu Black que mal acabara de criar volume.

Então juntos cada um pegou sua merenda. A Luciana foi a primeira, trouxe 1 todinho e falou logo: “Esse é nosso refri”, o Lucas veio com sua irmã, um trouxe o biscoito e a outra o melzinho, já temos o bolo e o recheio, todo mundo riu, minha irmã correu e fez brigadeiro com o recheio do biscoito, as bandas viraram as camadas do bolo e o melzinho virou o recheio. Mistura tudo e faz a festa, doce

criança, será que podemos brincar sem medo? As bolas eram imaginárias, Luciana, Mary, Lucas, eu e minha irmã, tudo lá na porta de casa, meu melhor quatro de maio, essa data sempre será lembrada. Terminou e cada um voltou para sua casa.

O povo começou a correr na rua e ninguém entendeu nada. Eu entrei, minha irmã já estava lá dentro toda assustada, a Mary e o Lucas ligaram logo em seguida dizendo que estavam trancados, mas, da Luciana nada se falava. As horas passaram sem notícias, ficamos sabendo que em meio a gritaria lá se foi mais uma inocente.

O barulho era amedrontador, um corre corre sem tamanho.

- Mas é quatro de maio. – Eu gritei, nada pode dar errado. Vai ter bolo de biscoito, brigadeiro de recheio, o guaraná vai ser todinho e tem bolas imaginárias. É meu aniversário!

Todos queriam festejar mas naquela noite a Luciana não voltou pra casa, ela estava tão linda lá na porta de casa, alguém viu? Até hoje os jornais retratam, mais uma pra estatística ou podemos esperar nossa amiga Lu voltar pra casa?

Ano que vem é quatro de maio, a brincadeira nunca mais será a mesma, a mãe da Luciana ainda pergunta:

- Ei, você viu minha filha?

Maria e a concha do mar

Ladjane Alves Sousa



Essa é a Maria, nossa linda boneca pretinha. Ela tem um cabelo crespo, cheio, meigo, um curtinho, muito iluminado, com vários pontinhos dourados. Do lado direito da cabeça um laço rosa e no meio um grão perolado, encantado. Ela está vestida com um biquíni colorido, de tom alaranjado, na mão direita segura seu cata-vento para sentir a alegria do tempo e com seus pés descalços pisa na areia torrada. Você adivinhou onde ela está? Quer ir lá?

O apelido de Maria é Mar, e esse é o lugar que ela ama passear, se pudesse, morava do ladinho da praia, pois ama as águas, mas sua casa é um pouco distante, talvez bem longe, por isto vai tão pouco nadar, mergulhar. Seu pai e mãe, trabalham o dia todo, mas hoje as folgas deles caíram iguaizinhas,

aí logo depois do almoço combinaram de pegar uma prainha. Levaram a Maria, as outras filhas, a tia e a voinha.

Assim que Mar chegou na praia saiu correndo em direção às águas, as roupas para cima foram jogadas e a sandália que já se enterrava foi salva por sua tia Amália, e logo sua mãe gritava:

– Maria, calma! A piscina gelada que as pedras formavam abraçavam aquela menina, e ao boiar tentava o céu tocar, e baixinho dizia:

- Como eu amo o mar.

Maria, se pudesse não arredava o pé das águas, suas irmãs saíam e entravam, mas ela, sempre, alguém

tirava para o protetor solar usar e também se hidratar, mas, na sombra, nas pedras sentada ela toda hora perguntava:

– Posso voltar?

A mãe depois de um tempo deixava, e Maria nas águas logo entrava. O painho dela chamava:

- Maria, venha lanche!

E ela levada como era, sem sair da água, com a mão para cima o lanche pegava e sempre alguém falava:

- Só não deixe molhar! Da areia só se avistava os lanches, e o cachorro-quente parecia até ser flutuante.

Quando o pôr do sol brotava, era hora de se arrumar, mas Maria chorava para na praia ficar, dizia só mais um pouquinho, sua avó falava 10 minutinhos e ela gritava, mais 3 horas para começar, e com as lágrimas no rosto a rolar repetia a mesma frase:

- Podemos ficar? Podemos ficar?

Só que de fato, tinham que ir embora, pois o buzú já iria passar naquela hora. Foi quando sua irmã mais velha, teve uma ideia, a concha do mar que encontrou nas pedras mostrou a Maria dizendo:

- Se você se arrumar essa concha vou lhe dar.

Maria achou linda aquela peça e curiosa como era perguntou:

– Posso pegar?

A irmã explicou que com a concha Maria teria um pedacinho daquele lugar, já que nela tem um segredo do mar. E continuou dizendo:

– Aqui morava um caramujo, mas agora lá dentro no escuro essa concha guarda uma canção de ninar. Surpresa com a história, ela logo perguntou se dava para escutar.

A irmã de Maria ensinou como usar, e agarrada na orelha a concha foi parar. Um tempinho depois

conseguiu escutar, uma música que só o mar sabe cantar. E de olhinhos fechados ela sentiu o amor e encanto se espalhar. Seu corpo começou, de repente, bem devagarinho, dançar, bailando, para lá e para cá. E antes de ir embora Maria cantarolou:

- E você já ouviu a cantiga escondida na concha do mar?



O quintal de vó Maria
Laura Catarina Pereira dos Santos



Lá no fundo do quintal da casa de Vovó Maria brincava uma menina. Mas, não era qualquer uma, era CATARINA, faladeira, sorridente e às vezes traquina. A Vovó Maria a chamava de “Tá”, “Catah” ou CATARINA. Ela morava na casa ao lado e o quintal era cercado com estacas, bem amarrado, mas na cerca tinha um buraco com uns pauzinhos afastados que com certeza foi criado para facilitar o translado.

CATARINA tinha mania de distribuição:

- Acho tão estranha essas coisas que vem do coração. Já vem dentro da gente, parece que nem tem explicação!

Oxente! Como não tem explicação? Vovó Maria chamava isso de missão. Voltando à mania de CATARINA...

Um dia, brincando no quintal, ela montou uma banquinha e começou a mercar: “Vem aqui que eu tô te dando, você não precisa pagar! Tenho amor de todo jeito, daqueles que são semeados no peito e eu resolvi que hoje vou doar. Corre aqui que é de graça, todos podem se servir e a ninguém deve faltar.”

Vovó Maria então, resolveu observar, a tal “brincadeira” da CATARINA pra ver onde isso ia dá.

– É de graça Vovó, assim qualquer pessoa vai poder levar. Esse amor foi plantado, semeado e bem

cuidado. Mas, do jeito que o mundo está, ele não pode ficar guardado...

Se aproximando, Vovó Maria disse: “Isso mesmo CATARINA, amor precisa ser espalhado. Já que o seu brotou e cresceu esparramado, precisa mesmo ser compartilhado. Quem sabe não aparece mais gente pra amar e ser amado?”

– Sabe Vovó, esse negócio de amor me anima. Porque tenho amor de mãe, de pai, de irmão e até de prima, tenho também amor daqueles que são de tia e sobrinha, amor de amigos, incluindo o de madrinha e tem aquele que é mais forte, que é o amor de voinha.

O amor não tem jeito, quando preenche o peito, sempre inunda o lago da razão que é pra gente não ficar escolhendo quem merece amor ou não. Amor é pra distribuir com força. Nem tem contra-indicação, é só deixar o peito aberto que ele faz morada no coração.

E Vovó pra completar foi dizendo: "CATARINA, minha doce menina, se não encontrar amor quem queira, tu mesma pode aproveitar. Toma banho, se molha, lava o corpo e lava a alma, pode até se esbaldar desse amor que eu vou te ensinar. O amor próprio não tem medidas, é você quem vai dosar. Esse amor te acompanha na vida, caso algum dia, alguém resolva te negar. Esse amor é você quem vai produzir e esse não pode faltar.

Mas, saiba que o meu amor você já tem, e pra sempre contigo vai carregar.



Procura-se uma fada madrinha!

Lívia Passos Nascimento Cavalcante



Assim diz o anúncio:

Uma menina de 10 anos, gentil, estudiosa e muito alegre, que nunca teve uma festa de aniversário e quer realizar esse sonho procura por uma fada madrinha.

Lívia, que no mês de setembro completa mais uma primavera, diz que sua mãe é amorosa e muito trabalhadora, mas não tem condições de festejar seu aniversário.

Ela tem mais 5 irmãos e seu pai foi embora, eles vivem com muita dificuldade e o dinheiro só dá para alimentação e para as contas.

A menina diz que não precisa ser uma grande festa, com muitos convidados, mas deseja a presença de todos os irmãos, primos e os amigos da vizinhança e da escola.

Também não precisa ter variedades de doces e salgados, apenas o suficiente para os convidados, pode ter pãozinho de queijo, brigadeiro, empada, pastel de carne, refrigerante, balões de festa bem coloridos, e claro, um lindo bolo para cantar os parabéns.

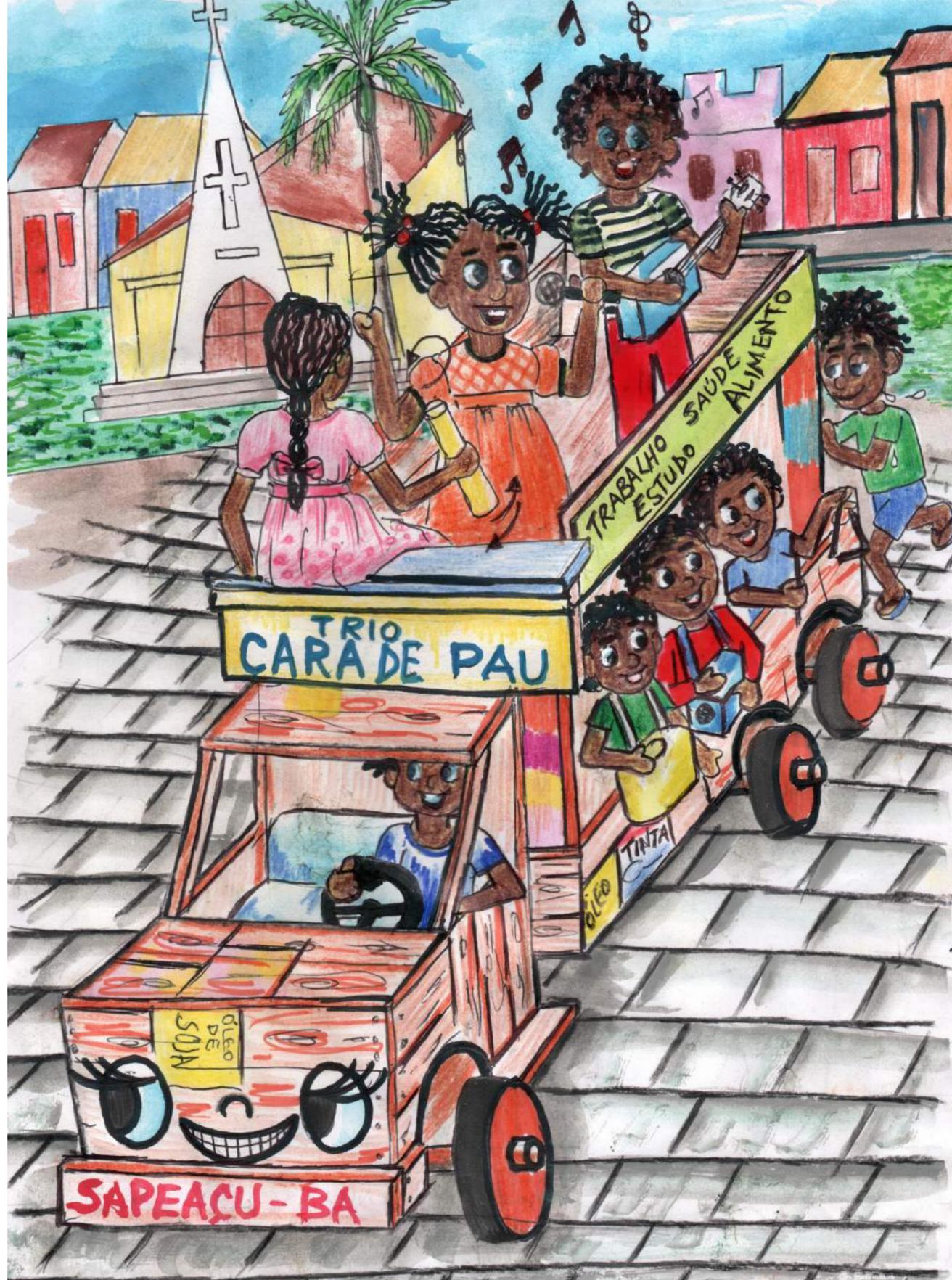
Ah!! pode ter pipocas? Ela ama pipoca! E faz questão que toque música o tempo todo. Quem se habilita?

O endereço da festa é:
Avenida do Dengo, nº 10, Bairro do
Chamego, Salvador- BA.



Brincar de ser artista

Paula Amália Anias Rodrigues



Tempo bom é de criança
Brincar de ser artista
No meu trio, sou a estrela
Com meus amigos tocar e cantar
Todo feito de lata e madeira
Cara de Pau é o seu nome
Brincando, subindo e descendo ladeira
A gente vai se divertindo e fazendo
Denúncia social cantando assim:

Todo povo carente
Na mente terá
Uma vontade danada
De se alimentar
Com direito a saúde

Estudar, trabalhar
Sem promessas, sem clima
De violência
Laia, laia, laia, laia
Vamos, cantar, vamos dançar
Antes que a guerra recomece
No ar
No mar
No lar

Chega de guerra e violência.
Quero paz e harmonia porque a infância rima
com alegria.



O menino feito de palavras

Rogério Santos Souza



CAJU

DENDÊ

CEU DA ROSA

CRECHE
MUA NIS

AMOR FILHO
CULPA DO AVÔ

MANGUE

DENDÊ
RIBEIRA

MANGUE
FAMÍLIA

CAPA
GATO

ESCOLA

CRECHE
ESCOLA

E DU
CA ÇÃO

Desde o seu nascimento, o menino Dheco, como é chamado por sua mãe, começou a ser formado por palavras: as palavras que circulavam ao seu redor. Assim como tijolos que são utilizados para construir casas, as palavras foram construindo cada parte de sua existência.

Acolhimento e Amor foram as primeiras palavras apresentadas a Dheco. De uma família de nove filhos, ele é o caçula. Desde bebê, cada abraço embrulhava o pequeno como se fosse uma manta de lã, deixando-o bem quentinho. Quanto acolhimento!

O amor de seus pais e dos seus oito irmãos fazia com que ele se tornasse amigo de todos e um menino protegido, seguro e feliz.

O mesmo cuidado, tão presente no espaço familiar, Dheco encontrou na creche, onde aprendeu a conviver com outras crianças muito parecidas com ele. E no Capa-gato, seu bairro; Dheco cresceu, construiu amizades e recebeu o cuidado das senhoras mais velhas que moravam perto de sua casa.

Dheco não pôde conhecer os pais de seu pai, mas sabe que eles moravam na roça. Já os pais de sua mãe, vovô Caju e vovó Rufina que viviam na Fazenda Dendê, Dheco ia todos os fins de semana com sua família visitar.

Era a maior diversão: no caminho até lá, ele brincava com os irmãos, conhecia diferentes folhas, insetos e frutas. Na

fazenda, via seus avós produzindo azeite de dendê, beiju e farinha: era incrível!

O menino recebia dengo da vovó de diversas formas: em forma de doce de caju, do melhor bolo de tapioca do planeta e ainda em forma de contação de histórias. A vovó contava histórias à luz da lua, no passeio de casa, que, por não haver energia elétrica era iluminado também pelos vagalumes, pelas estrelas e pela felicidade de viver aquele momento mágico.

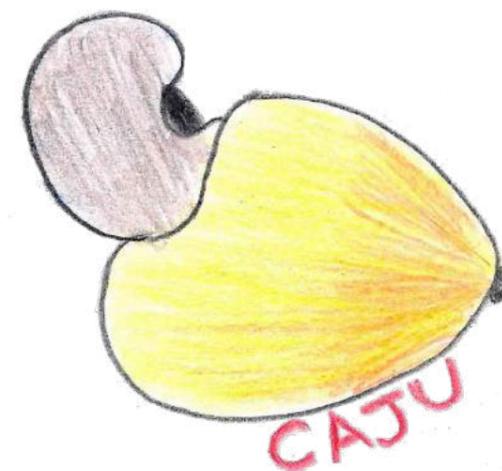
Outro espaço onde Dheco se sentia em casa era a escola. Lá, além de brincar muito com seus colegas, o menino feito de palavras estudava e buscava seu grande sonho: ser professor.

Antes, Dheco queria mesmo era ser vendedor de carvão, para se pintar todo e ficar parecido com seu pai, que tem a pele preta; a dele é mais clara... Nas idas e vindas do manguezal, seu pai e sua mãe lhe ensinavam: “Dheco, você também é filho do mangue!”, pois no mangue a família encontrava seu sustento. Graças ao mangue, Dheco podia estudar, ter material escolar, fardamento e sapatos para ir à escola. A mãe de Dheco era marisqueira e lavadeira; nas idas e vindas ao rio da Ribeira, onde ele se banhava com seus irmãos e amigos, ela também lhe ensinava muitas palavras...

Ainda pequeno, Dheco aprendeu a ser criança. Foi a pró lá do bairro que ensinou, Pró Mundinha.

Ela também tinha uma criança linda dentro de si. Fazia gincana e conseguiu o impossível: integrar a rua de baixo com a rua de cima. Então Dheco entendia: que é mesmo “nós por nós”! Nós nos tornamos uma unidade!

Dheco cresceu. Cheio de novas palavras, tornou-se um sujeito educador. Mas carrega dentro dele aquele menino. E aquele menino feito de palavras é sempre a melhor versão deste professor que insiste em ajudar a formar outros tantos indivíduos a partir da palavra Educação.



A revolução começa na infância

Winnie Lorena Braga Carvalho



Uma vez...

Escutei uma história de GRANDE sofrimento de uma mulher negra!

Sim, sofrimento.

Contou-me que na sua infância veio a sofrer com o “relaxamento”, aquele com ferro quente, soda cáustica, coisas aterrorizantes. Não havia Black Power. Pois utilizava esse tal de “alisante.”

A sua mãe, infelizmente, também era refém deste triste absurdo, pois o que te vendiam era que só seria bonita se utilizasse este produto. Hoje percebo como as coisas têm mudado.

Meu cabelo também balança, mesmo sem está alisado! O pente que utilizo é o pente garfo;

O pote de creme é o próprio para a minha raiz. E é de baixo para cima que desembaraço, não sinto dor, sou mais feliz.

Fui bem cuidada, quando quem cuidava de mim descobriu o empoderamento.

As meninas, meninos, belas crianças pretas, precisam deste cuidado desde o seu nascimento.

Biografia
Autores / Ilustradores

Fabíola Cunha Santana de Moraes



Foi introduzida no mundo das palavras por sua bisavó. Sua escrita é inspirada em memórias, nas histórias contadas pelos mais velhos. É autora dos livros infantis *Brincando de Antigamente* e *A Revolta dos Legumes*. Participa das antologias *Negras Crônicas*, *Poetas Negras Brasileiras* e do livro de poemas *Asabeça*. Fez parte do projeto *Grafiyas Eletrônicas*, da FUNCEB, com o vídeo-poema *Terra e Água Salgada*.

Ivanildes Moura dos Santos



Nascida em Jequié – Bahia, mestranda. Sempre apaixonada pelas histórias que ouvia dos seus pais quando criança sentada na esteira de palha, hoje, autora do livro: Azire a Princesinha de Aruanda, prêmio Zélia Saldanha em 2005, pela UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Autora de D'ORO o Reizinho Majestoso e do livro: O vento que fugiu da Aldeia de Zambi.

Jamille Carvalho dos Santos



Jamille Carvalho dos Santos, mulher negra soteropolitana, pedagoga e Bacharel em Humanidades pela UFBA. É professora das séries iniciais do Ensino Fundamental I e tem como principal objetivo incentivar a leitura e colaborar para a formação de novos leitores. Têm alguns textos publicados nas coletâneas “Paixão”, “Gratidão”, “Felicidade” e “Um dia a mais para ser feliz”.

Em 2021 publicou seu primeiro livro para infâncias intitulado “O Desenho de Maria”. A escrita do livro “O Desenho de Maria” foi realizada com o desejo de despertar em meus alunos a sua valorização enquanto sujeitos negros e negras pertences a nossa sociedade.

Janete Ferreira dos Santos Marques



É mulher negra, feminista, mãe leitora, educadora, contadora de histórias e escritora. É mãe de duas. Em 2019 publicou seu primeiro livro infantil: “Um livro pra Nini... Um livro pra Nana...”, inspirado na relação das suas filhas com mundo da leitura. Em 2021 lançou “Flora, faça florir!”, uma história que nasceu das suas contações e ganhou forma na literatura. Idealizadora do Movimento Faça Florir.

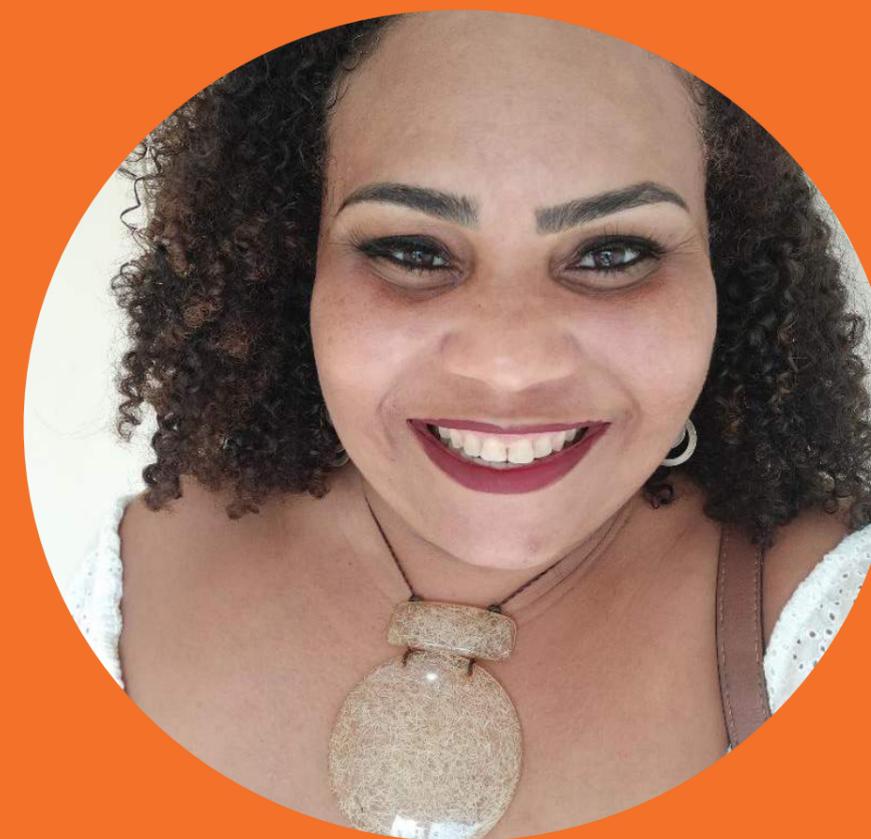
Julius César

Fias Conceição



Criador de conteúdo, escritor e ator pela UFBA, com percurso artístico com foco em múltiplas linguagens ao mesclar diferentes Artes com o Teatro. Sua veia poética trilhada a partir da Literatura que tem início em uma escrita que expurga os sentimentos existentes no interior do ser e como forma de protesto/re-existências. Com poesias paridas no mundo e experienciadas no campo das redes sociais influencia diferentes públicos a navegar no universo das letras.

Ladjane Alves Sousa



Docente e coordenadora pedagógica em Lauro de Freitas. Formada em Pedagogia (2008) e Mestre em Educação e Contemporaneidade (2012), ambos os cursos pela UNEB e Doutoranda em Educação pela UFBA. Autora de algumas poesias e das literaturas infantis Rainhas, Reis, Mães de Luza e Gordinhas.

Laura Catarina Pereira dos Santos



Mulher negra, escritora, maragojipana e Licenciada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil – UNEB. Atua na rede pública da educação básica como Coordenação Pedagógica Escolar. É Bacharela em Serviço Social – UNIASSELVI e Estudante no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB, onde integra o Grupo de Pesquisa sobre Gestão Escolar Currículo e Cotidiano da Escola. Educadora preta, é uma das escritoras do livro: O cabelo que dava volta ao mundo.

Lívia Passos Nascimento Cavalcante



Mulher negra, artista visual, soteropolitana e avó de Alice. Iniciou seu processo artístico a partir de um trabalho de conscientização sobre a coleta seletiva do resíduo hospitalar. Em sua trajetória participou de exposições nacionais e internacionais como: Bienal Internacional de Arte NAIF em Socorro-SP; Arte de todos para todos, edição virtual - Portugal, Mostra de Arte NAIF na Literatura em Parati-RJ e III Mostra de Arte Cultura Afro-Brasileira, edição virtual em Taubaté-SP. E em sua poética aborda ancestralidade, desigualdades sociais e meio ambiente.

Paula Amália Anias Rodrigues



Escritora, produtora cultural do Recôncavo da Bahia. Autora da obra: “História sua e minha, Beiju de coco da Nenzinha”, autora dos contos: O Termo de Reis Encantado, Conto para Kirimurê e Jade quer ir a escola, vencedora do Festival Balaiano Edição 2021, compõe o coletivo Mulherio das Letras em Portugal, a A.I.M.L., a Câmara Técnica de Cultura do Recôncavo e o Observatório Nacional de Cultura.

Rogério Santos Souza



Professor da Educação Básica, em Maragogipe. Ogan do Ilê Axé Alá Ibi Aré. Escritor de Literatura Infantojuvenil. Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Coordena o Projeto de Extensão "ILÊ DE MEMÓRIAS: as histórias que escolhemos contar", junto ao Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia - LEHRB, na UFRB.

Winnie Lorena Braga Carvalho



Mulher preta, poetisa de literaturas marginais, pedagoga pela Universidade Jorge Amado/Salvador-BA, mestre de cerimônia e jurada de batalhas de rima no cenário do hip hop. Oficineira pela Cabeça de Cuiá Produtora. Autora na Antologia Estações de Leitura: Escritoras Negras Baianas. Técnica em Artes Cênicas.

Organizadora da Antologia
Helena Vitória Nascimento dos Santos

Helena Vitória Nascimento dos Santos



Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia (2016) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e especialista em Estudos étnicos e Raciais (IFBA), atua com crianças da Rede Pública de Ensino no município de Salvador-BA. É também mestranda do Programa de Pós-graduação de Estudos em Linguagens – PPGEL (UNEB) – 2021. Foi premiada em 2012, no concurso literário Nadja Nunes (UNEB – Caetité) com a publicação de dois textos literários nas categorias: crônica e conto na coletânea Revelações Literárias, da Editora EDUNEB e em 2013 coordenou o Projeto financiado pelo Fundo de Cultura da Bahia (FCBA), denominado: O negro em destaque - as representações do negro na literatura brasileira.

Em 2017 foi novamente premiada pela fanpage vinculada ao projeto: O que tem atrás da porta? enquanto contadora de histórias, levando literatura negra e indígena a cerca de 20 escolas públicas de Salvador e Lauro de Freitas (BA) gratuitamente. O projeto atingiu em 2019 mais de 3000 estudantes direta e 5000 pessoas indiretamente.

Também em 2017 ganhou o Prêmio Malê de Literatura com o texto infantil: Quixote, o quirubim do Sertão e em 2021 lançou o livro: A flor do dendê e as filhas de Iansã, pela Editora Voz de Mulher, obra finalista na categoria ficção no Prêmio Literário Maria Firmina dos Reis (FLUP, 2022). Atua como pesquisadora da história de vida e das obras da escritora negra, Geni Mariano Guimarães, e utiliza a literatura como maneira de transformação social dos mais distintos indivíduos.

Responsável: Helena Nascimento

Curadoria: Juci Reis

Coordenação e gestão: Flotar Programa

Identidade visual: Quezia Silveira

Diagramação: Harmonipan Editions e Zulmira Correia

Revisão: Helena Nascimento e Juci Reis

Formato: Livro Digital

ISBN: 978.65-0039992-9

Referências Bibliográficas

ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUÍA, Caroline Sanchez. Oralidade, fantasia e infância: Há lugar para os contos de fadas na escola? In.: SOUZA; Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20 dez 2020.

FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. In: QUEIROZ, Sônia. A tradução oral. Belo Horizonte: FAGED/UFMG, 2006.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LIMA, Heloísa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. Toques Griô – Memórias sobre contadores de histórias africanos. Ilustrações: Kaneaki Tada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.



O projeto conta com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura (Prêmio Cultura na Palma da Mão/PABB) via Lei Aldir Blanc, redirecionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio Financeiro:



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO



Livro Digital
Veiculação Digital

